

Horizontes para o Património Cultural (I)

Mário Duarte Duque*
mdduq@mdduq.com

A nossa percepção actual de Património Cultural. Uma explicação de peso para a razão por que os artefactos que resultam da herança cultural tantas vezes se afastam do seu significado original prende-se com o facto de presentemente terem outros usos e estarem extensivamente destinados para um público que não participou, sequer está relacionado, com a geração desse património.

A percentagem de participantes directamente relacionados, por educação ou formação a uma específica herança cultural só pode ser demasiado reduzida no quadro do crescente interesse e participação global em Património Cultural.

Por isso, só podemos estar preparados para admitir que a herança cultural não é para ser percebida em termos globais com iguais motivações e igual nível de dedicação, conhecendo que, mesmo no seio da mesma comunidade cultural, esse empenho é também susceptível de variar.

Contudo existe a conquista notável de na era global estarmos mais sensibilizados para reconhecer e assegurar Valor independentemente de quem o gerou, directamente dele beneficia ou o administra. Isto no entendimento de que a contrapartida, directa ou indirecta, acaba por ser global, reforçando assim cooperação e solidariedade global em relação aos feitos humanos de valor.

Presentemente muitos contemplam a herança cultural como um recurso, que sem dúvida é.

Um recurso que nutre o enriquecimento de especialidades do conhecimento, um recurso que nutre a crescente elaboração de estilo de vida e um recurso que nutre a oportunidade económica só pela emergência de uma necessidade.

No que respeita à gestão de recursos, as indústrias da cultura são contempladas como as indústrias mais sustentáveis porque não só não são susceptíveis de extinguir a sua matéria prima, como o seu produto final poderá constituir por si

um recurso que acresce e desenvolve o próprio recurso original.

Contudo os resultados conhecidos ficam frequentemente longe de corresponder a essa expectativa e não longe do mesmo mau uso que é conhecido por operar sobre os recursos naturais, i.e.: decorar uma estratégia sustentável de longo prazo em benefício de fácil e rápida gratificação.

Entre os vários factores desviantes que operam sobre a heranças culturais, nostalgia é um factor frequente que espoleta impulsos de gratificação.

Em condições associadas ao estado psicológico surgem predisposições para a "excentricidade". Dessas predisposições, as menos eufóricas orientam para brumas de "Saint Elsewheres", (não sei se em português alguma vez se dirá "santo outrolugar"), outros tempos, melhores vidas, outras realidades mas sempre com quase nenhuma correspondência objectiva às realidades a que se predispoem.

Nostalgia foi a "palavra feia" para as disposições que se opunham ao futurismo utópico do século XX.

Na altura "nostalgia era para a memória o mesmo que o "kitsch" era para a Arte" (1) - a tentação em afastar o raciocínio crítico em benefício da gratificação ingénua.

"Uma forma de História sem ónus, tal como a herança cultural hoje nos inunda de orgulho, raras vezes de embaraço" (2).

"Um inocente regresso a casa com uma considerável abdicação de responsabilidade ética e estética" (3). Nomeadamente à luz de tudo o que aprendeu e se conheceu enquanto se esteve fora de casa e que determina essa já não fosse mais a nossa casa.

Um lugar configurado pelos tempos da infância, pela cadência lenta dos sonhos e, em sentido lato, configurado pela rebelião à ideia positiva de tempo, história e progresso.

Um estado de alma (ou de coração) colectivo, espoletado pelo curso dos eventos (momentum), que forma psicologicamente a disposição cultural e determina o que é para abraçar ou que é para abandonar da herança cultural.

Nostalgia estabelece inclusivamente prioridades



de valor que, na História e na Arte, a comunidade intelectual não é suposta aderir ou condescender.

Os condutores da História e da nostalgia operam segundo motivações diferentes, dão valores diferentes aos mesmos aspectos e substâncias e, por isso, só podem revelar realidades diferentes desses conteúdos.

A constatação também é que o progresso não curou a nostalgia, antes acerbou, emarcou em grande medida a disposição que caracteriza este virar de século, ao ponto de gerar a suspeita se o pensamento positivo, ele próprio, não terá condescendido à própria nostalgia, senão somente por uma memória saudosas de quando o mundo não era nostálgico.

Mas a memória não é definitiva na nostalgia, sequer na História. Na nostalgia continuamos a intervir por via dos estados de alma que resultam da nossa condição contemporânea. Na História continuamos a intervir mas já por via dos actos que resultam da mesma condição.

O PERADORES Culturais. A situação actual não é mais podermos estar a negligenciar cultura por ignorarmos a herança cultural. Inquestionavelmente reconhecemos e extensivamente usamos a herança cultural como recurso.

O que negligenciamos resulta antes do uso instrumental imprudente que poderá por em risco o que é estruturalmente gerador na herança cultural.

Isto ao negligenciar a relação nutriente entre riqueza e cultura, ao maquinar fascínios, ao privilegiar gratificação, ao reduzir relevância, ao extenuar ou extinguir significados, ao não gerar qualquer contemporaneidade substancial ou contributo civilizacional significante. Ao suscitar fascínio mas sem inspirar qualquer tipo de dedicação.

Durante o século XX a gestão cultural esteve predominantemente a cargo das políticas dos poderes executivos. A razão não foi apenas porque grande parte da oferta cultural não se configurava nos moldes que correspondiam ao interesse e ao modo de operar das iniciativas privadas, mas principalmente porque grande parte da gestão cultural servia para executar estratégias de identidade cultural, coesão de grupos e auto estima nacional.

Nos nossos dias a gestão cultural segue a mesma tendência de privatização dos bens públicos tais como saúde, educação e urbanização e foi gradualmente deixada de ser assegurada por governos no prosseguimento das suas estratégias ideológicas, políticas ou somente administrativas.

O mesmo significa que a cultura passou entretanto a ser um bem de consume como qualquer outro, i.e. tudo para o qual existe procura e que é "oferecido" sem qualificação diferencial através de um mercado.

Independentemente da extensão em que as administrações libertam bens públicos para a iniciativa privada, reserva-se ainda aos executivos a obrigação e a capacidade exclusiva de assegurar que os bens públicos cheguem aos seus beneficiários em termos adequados

O resultado favorável da transferência na prestação do bem público para a iniciativa privada só emerge se o mesmo significar que o desempenho público está menos centrado na execução e mais dedicado em definir estratégias que outros venham executar no âmbito da sua especialidade.

Nas administrações permanece todavia a capacidade em avaliar resultados e de corrigir estratégias sempre que do uso desses recursos possa emergir prejuízo, não estejam a ser alcançados resultados qualificados no presente ou se vislumbrem que possam não ser de esperar no futuro.

Neste quadro de expectativa serve também de garantia a existência de consumidores criteriosos para formar a oferta cultural em moldes tanto relevantes como sustentáveis num contexto de desejável liberdade de escolha.

O mesmo tipo de garantia que se espera obter em campanhas para "real beauty" com o conhecido slogan de apelo a auto estima "Fale com os seus filhos antes que a indústria da cosmética fale". Isso por via de videoclips que inspiram bem o alcance dessa campanha (disponíveis em youtube.com)

Com o mesmo alcance ocorre que também teria sido desejável que alguém tivesse falado às comunidades antes que as indústrias do turismo e da cultura o fizessem. (Continua)

1) "Nostalgia was to Memory what Kitsch was to Art" in The End of Longing, Charles Maier

2) "A form of History without guilt, much as Heritage today is something that suffuses us with pride, seldom with shame", in Mystic Chords of Memory, Michael Kammen

3) "A guilt-free homecoming with considerable abdication of direct ethical and aesthetic responsibility", in The Future of Nostalgia, by Svetlana Boym

hojemacau

CARTOON O MOTIVO PORQUE HARRY DEIXOU O AFGANISTÃO

Propriedade FÁBRICA DE NOTÍCIAS LDA

Director João Costeira Varela • Redacção

Carlos Picassinos; Island Ian; Joaquim Correia Leal; Raquel Silva Tavares; Sofia Jesus •

Colaboradores Alberto Bernardes; José Carlos Matias; João Drago; Joaquim Magalhães de Castro; João Valle Roxo; Luís Ortet; Rui Cascais; Sérgio Fonseca •

Colunistas Ana Cristina Alves; António Conceição Júnior; Carlos Moraes José; Correia Marques; Gilberto Lopes; Helder Fernando; João Assunção Ribeiro; Jorge Rodrigues Simão; José Cláudio Silva; José Ferreira Pinto; José I. Duarte; José Luís Sales Marques; Marinho de Bastos; Paul Chan Wai Chi; Pedro Correia; Pinto Fernandes; Ring Joid

• Cartoonistas Stephane Peray • Grafismo Paulo Borges; Rui Rasquinho • Ilustração Rui Rasquinho; Paulo Borges •

Fotografia Lusa; GCS • Secretária de redacção Patrícia Inhaia •

Publicidade Laurentina Silva • Assistente de marketing Vincent Vong •

Impressão Tipografia Welfare • Morada Av. Dr. Rodrigo Rodrigues nº600 E, Centro Comercial First National, 14º andar, Sala 1408 - Macau •

Telefone 28752401 • Fax 28752405 • e-mail hoje@macau.ctm.net

www.hojemacau.com

